

2 Introdução

2.1 Cinema e ensino de História: situando o problema

Com a difusão no Brasil do VHS e do videocassete na década de 1980 e mais recentemente do DVD, definitivamente os filmes ganharam presença marcante no espaço escolar, sendo utilizados por professores dos diversos setores curriculares. Entre estes docentes, segundo Duarte (2002), os professores de História têm se destacado entre aqueles que mais exibem filmes nas aulas e participam de projetos institucionais que articulam cinema e escola (p.93).

De acordo com Tendler (2001): “Desde sempre, imagem e imaginação fazem parte do conhecimento da História” (p.7). Essa é uma das razões que explicam o fato de professores de História valorizarem o cinema. Penso que outras se relacionam à capacidade da linguagem cinematográfica de resgatar o tempo passado ou testemunhar o tempo presente a partir da perspectiva da criação artística e, por outro, fazer isto mobilizando o imaginário e a emoção.

O paradoxo, a meu ver, está no fato de que o uso do filme pelos profissionais de História que atuam na Educação Básica, ainda não seja objeto de reflexão significativa em dissertações e teses defendidas no território nacional.

Ao fazer um levantamento no Portal de Teses da Capes, em janeiro de 2006, encontrei aproximadamente 265 trabalhos sobre “cinema e história”, no entanto, sobre “cinema e ensino de história” não passaram de onze, e destes apenas dois referiam-se à Educação Básica¹. Vale o registro de que, nos meses de fevereiro e outubro do mesmo ano, duas novas contribuições vieram se somar àquelas por meio das dissertações defendidas, respectivamente, por Sérgio Augusto Leal de Medeiros intitulada “O cinema na ‘fala de aula’ do professor de História” e Sandro Nandolpho de Oliveira sob o título “Formação e práxis dos

¹ “Cinema Novo: uma contribuição para o ensino de História do Brasil” de Maria Isabel Urbina Flores, defendida em 2003, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e “O filme como elemento sensibilizador na Educação de Jovens e Adultos, mediado pelo professor de História”, defendida por Reinaldo Vicentini Júnior, no ano de 2002, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Universidade Nacional de Brasília.

professores de História: o discurso cinematográfico e o ensino-aprendizagem da História”, ambas atualmente com seus dados presentes naquele Portal.

Em um levantamento sobre o tema em livros², publicados entre 1983 e 2004, que fazem reflexões sobre o ensino de história, em apenas um deles encontrei artigos que relacionavam cinema e ensino de história.

Nos anais do V Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas, realizado em 2004 no Rio de Janeiro, encontrei duas comunicações a respeito do tema.

Nos anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, realizado em Londrina, em 2005, que teve como tema central “Dez Anos de Pesquisas em Ensino de História”, há três trabalhos que sob perspectivas diversas dão conta do tema.

Em resumo, apesar do filme se fazer presente de maneira expressiva nas aulas de História do ensino fundamental e médio, ainda não há um volume significativo de estudos que busquem descrever e analisar o que leva os docentes de História a fazer uso do filme e que usos são estes. Valiosas publicações como “A História vai ao Cinema” (2001), organizado pelos professores Jorge Ferreira e Mariza Carvalho Soares, e “Como usar o cinema na sala de aula” (2003), de Marcos Napolitano têm propósitos específicos: no primeiro caso, analisar vinte filmes brasileiros a partir do olhar de um elenco de conceituados historiadores, no segundo, indicar filmes e modos de uso dos mesmos, incluindo a área de História. Em nenhuma das duas situações é possível encontrar referências à temática que expus acima, que usos os professores de história que atuam na educação básica fazem dos filmes em suas aulas.

² As publicações a que me refiro são: Bittencourt, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. SP: Contexto, 2004; Fonseca, Thais Nivia de Lima. História e Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2004; Karnal, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. SP: Contexto, 2003; Abreu, Martha e Soihet, Rachel (orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. RJ: Casa da Palavra, 2003; Nikitiuk, Sônia Leite (org.). Repensando o ensino de História. SP: Cortez, 2001; Davies, Nicholas (org.). Para além dos conteúdos de história. Niterói: EDUFF, 2000; Pinsky, Jaime (org.). O ensino de história e a criação do fato. SP: Contexto, 1988; Cabrini, Conceição et al. O ensino de História: revisão urgente. SP: Brasiliense, 1987; Silva, Marcos A. (org.). Repensando a História. ANPUH-Núcleo de São Paulo. RJ: Marco Zero, 1983.

2.2 Interlocutores privilegiados

Este trabalho tomou como autores privilegiados outros trabalhos acadêmicos que discutem a relação entre cinema e educação e cinema e ensino de história.

Ao examinar o tema, Duarte (2002), chama a atenção para a necessidade do campo educacional estar atento e compreender o que nomeia como “a pedagogia do cinema”, ou seja, um conjunto de estratégias e recursos de que se vale a arte cinematográfica para conquistar um contingente significativo de apreciadores, em especial, jovens (p.21).

Entendo também como uma contribuição dessa autora, a afirmativa de que assistir a filmes tem tanta relevância para a formação cultural e educacional das pessoas quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas (p17), e ainda, a percepção de que o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional é sua natureza eminentemente pedagógica (p.19).

Uma outra temática que não poderia deixar de estar presente neste trabalho é, sem sombra de dúvida, a que envolve a relação entre cinema e história. Com este intuito, convoquei algumas das contribuições de dois clássicos nesse campo de reflexão: Ferro (1992) e Sorlin (1994). Do primeiro autor, tomo como referência seu acolhimento pleno do filme como fonte documental para a história, superando uma certa tradição que fazia do documento escrito fonte sagrada, quase única e inquestionável desse universo de conhecimento, assim como sua preocupação com que o exame da obra fílmica seja associado ao mundo que o produz (p.86). Em Sorlin busquei a discussão sobre o que significa a imagem em nosso mundo e como os profissionais que lidam com o conhecimento histórico podem contar e mostrar a história através de imagens, entre elas, a imagem fílmica (p.81). Nesse sentido, tem lugar sua reflexão a respeito do quanto as imagens são “enganosas”, ao mesmo tempo que, “indispensáveis”, como testemunhas da história (p.91).

Ainda sobre as relações entre cinema e história, acolhi o exame feito por Kornis (1992), quando afirma que o filme pode tornar-se um documento para o profissional de história, na medida em que articula ao contexto histórico e social

que o produziu um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica, dessa forma, permitindo com que seja visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento (p. 239).

A contribuição de Schvarman (2006) esteve presente com sua atenção ao valor que a História Cultural tem atribuído ao cinema como forma de conhecimento (p12). De acordo com a autora, se antes ele era visto

com desconfiança ou desinteresse pelo historiador, por não passar de uma diversão popular, por construir justamente mundos autônomos, fantasiosos e de escape, ganha um outro relevo: é lugar das construções e projeções do imaginário, da aferição de sensibilidades e práticas sociais, lugar da representação (p.2).

O terceiro tema, razão de ser desta pesquisa, reúne cinema e ensino de história. Nesse sentido, as reflexões de três estudiosos iluminaram, de alguma forma, o diálogo com as percepções, escolhas e práticas dos docentes entrevistados: Saliba (1993, 2004, 2007); Abud (2003) e Ramos (2005).

De acordo com Saliba (1993), ao fazer uso do filme no ensino de “humanidades”, o esforço do professor deve estar voltado a mostrar que,

à maneira do conhecimento histórico, o filme também é produzido – também ele irradia um processo de pluralização de sentidos ou de verdades e, da mesma forma como na História, é uma construção imaginativa que necessita ser pensada e trabalhada interminavelmente (p.94).

Através desse paralelo, o autor nos lembra de algo central ao lidar com a arte cinematográfica: o fato de que também ela, assim como o conhecimento histórico, é resultado de uma construção, ainda que de uma construção específica, aquela que se dá por meio da criação artística. Portanto, não cabe qualquer ingenuidade que desconheça seu caráter de intervenção humana, assim, carregada de assinatura e de tudo que isso implica de marcas pessoais e sociais.

Apesar de Saliba considerar o processo de desvelamento da construção fílmica uma tarefa complexa e que, em sua plenitude, exige um esforço interdisciplinar, “quase impossível na prática de ensino das nossas escolas”, sendo realizado, ele “pode constituir-se em um guia heurístico de grande valia para se entender, de forma aberta e dinâmica, como a história é construída na narrativa fílmica” (p.95).

Em outra advertência, o autor afirma que chamar a atenção para o processo de construção subjetiva da história no interior da narrativa filmica “não significa concluir que os dados históricos possam ser ‘inventados’ ou utilizados arbitrariamente”, pois, a seu ver, o abandono por completo da precisão, leva a que a história perca suas referências e qualquer coisa passe a valer (p.98).

Lembra também que não importa se documentário ou ficção, o fato é que a construção da história presente nestes artefatos é mais do que mera interpretação da História, na medida em que gera significados para o presente, lançando o realizador da obra cinematográfica em contextos ideológicos que ele não domina em sua totalidade. Assim, reconhecer a subjetividade da História na narrativa filmica significa ter em conta a memória coletiva como terreno comum da arte cinematográfica e da historiografia (2004: p.120).

Em trabalho recente, Saliba (2007) afirma ter como propósito “mostrar a importância do professor de história no seu esforço de desmistificar as chamadas imagens canônicas”, segundo ele, imagens-padrão que estão de tal forma impregnadas em nosso imaginário coletivo, que as identificamos rapidamente (p.87).

Neste texto, o autor defende a idéia de que, em uma atmosfera em que nos vemos “intoxicados pelas imagens”, o papel do professor, em especial ao ensinar história, “é operar, em primeiro lugar, um ordenamento temporal de tais imagens” e adverte que, com isso, está supondo:

uma operação crítica, exercícios de aproximação, identificação e distanciamento das imagens e dos seus significados. Operar criticamente as imagens significa sobretudo começar a quebrar com o efeito de real que elas provocam (p.90).

Para Saliba, não é possível adotar critérios objetivos para escolher filmes ou imagens, canônicas ou não, porque “nossa relação com as imagens em movimento é uma relação emocional”, no entanto se permite uma concessão se quisermos um “critério”: “os melhores filmes e as melhores imagens são aqueles capazes de nos provocar uma reação emocional, fugindo à banalização e à seriação das imagens canônicas” (p.95).

Ao examinar a utilização do cinema como um recurso didático para o ensino de História, Abud (2003) afirma que “entre todos os meios de comunicação, tem sido o cinema o que mais tem despertado o interesse dos professores por sua utilização em sala de aula” (p.183).

No entanto, reconhece a autora, esse acolhimento por parte dos docentes não tem tido correspondência em termos de uma discussão mais ampla sobre o uso do cinema nas aulas da educação básica, embora, seja ele “um dos elementos constitutivos de uma nova metodologia para o ensino de História” (p.183).

Após resgatar parte da história do uso dos recursos audiovisuais e do cinema na educação brasileira, lembrando, entre outros, a defesa que os educadores ligados à Escola Nova faziam da utilização daqueles artefatos nas primeiras décadas do século XX, e a criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) em 1937, a autora afirma que,

não deixa de ser instigante o fato de que décadas antes de os historiadores aceitarem o cinema entre suas fontes, professores de História já pensassem nas possíveis utilidades do cinema em sala de aula (p.187).

Ainda para essa autora, as imagens legitimam-se como instrumento de trabalho em sala de aula à medida que seu uso provoca

uma atividade psíquica intensa feita de seleções, de relações entre elementos da mesma obra, mas também com outras imagens e com representações criadas e expressas por outras formas de linguagem. A imagem filmica situa-se em relação à outra, ausente, que se relaciona com a realidade que se supõe representada (p.188).

Ao defender a incorporação das “linguagens artísticas” ao ensino de História, Ramos (2005) afirma que

é ainda embrionária, entre nós, a reflexão a respeito da utilização do Cinema e particularmente do Teatro como suporte/estímulo para práticas educativas no âmbito do Ensino de História (p.177).

Para o autor, os profissionais da área que lidam com as questões didático-pedagógicas ainda se encontram, em sua grande maioria, envolvidos no esforço de dar conta de dois problemas: “os possíveis usos do livro didático (...) e com a produção de conhecimento/textos nas salas de aula” (p.177).

Apesar de reconhecer que estas preocupações são plenamente justificadas, o autor entende que esta discussão encontra-se consolidada, assim como a possibilidade dela interferir decisivamente no trabalho de sala de aula já se mostrou válida e pertinente. Portanto, ele encoraja aqueles profissionais a mergulharem em

novos problemas e, particularmente, voltarem-se para as questões atinentes à incorporação das linguagens artísticas no ensino. Elas são urgentíssimas e – ninguém pode colocar em dúvida – vieram para ficar. Isto não significa que os historiadores devam pura e simplesmente abandonar suas preocupações rotineiras. Na realidade elas são necessárias, mas não são mais suficientes (p.178).

Ao examinar as propostas dos Parâmetros curriculares nacionais – 5ª a 8ª séries – História, no que toca à utilização do cinema, este autor destaca duas possibilidades de trabalho decorrentes da leitura do documento: a primeira, a “problematização da linguagem hollywoodiana”, ou seja, o exercício da crítica das formas de reconstituição cinematográficas dominantes no mercado exibidor. A segunda, também ressaltada por Saliba (1993, p.94), a proposta de que o professor invista em mostrar aos alunos que, à maneira do conhecimento histórico, o filme também é produzido.

Tanto no trato destas possibilidades de trabalho quanto em outras, relacionadas ao uso do cinema no ensino de História, Ramos afirma que “o estudo da linguagem cinematográfica não é apenas valioso, mas antes de tudo, essencial” (p.183). Mais ainda, os Parâmetros deveriam ter enfatizado a “indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre linguagem cinematográfica e diálogo com as fontes e a historiografia” (p.184).

De acordo com o autor, para que o uso do cinema na escola possa ter êxito é preciso ter em conta algumas exigências: a primeira, que o trabalho com filmes privilegie “materiais cinematográficos complexos”, ficcionais ou documentários, produzidos não necessariamente com fins didáticos, de modo a exigir do professor o aprofundamento do tema; a segunda, que, sempre que possível, um tema ou período da História seja trabalhado por mais de um filme, de modo a favorecer, entre outros, a pluralização de leituras historiográficas. A terceira, o investimento do professor em uma formação específica na linguagem cinematográfica, que permita a ele decodificar a mensagem audiovisual, nem sempre transparente ou de entendimento imediato (p.185).

No entanto, ele adverte que é preciso que esse esforço venha acompanhado de modificações profundas nas condições de trabalho dos professores do ensino fundamental e médio, de maneira que a introdução de novas formas de trabalho não signifique apenas a incorporação de novidades e a permanência do essencial, de forma precária, na educação brasileira (p.185).

Além destes autores, especificamente no campo do cinema, Carrière (2006) me foi uma referência importante com seu convite a que na relação com as imagens e a arte cinematográfica, cada um de nós se permita “a abrir um pouco mais os olhos” procurando ter com essas, uma atitude crítica e ativa (p.13). É ele que nos adverte:

A ‘verdade’ de uma foto, ou de um cinejornal, ou de qualquer tipo de relato, é, obviamente, bastante relativa, porque nós só vemos o que a câmera vê, só ouvimos o que nos dizem. Não vemos o que alguém decidiu que não deveríamos ver, ou o que os criadores dessas imagens não viram. E, acima de tudo, não vemos o que não queremos ver (p.55).

2.3

Definição de objeto e problema de pesquisa

Esta proposta tem como objetivo descrever e analisar o uso de filmes no ensino de história por professores da educação básica, tendo como eixos centrais as seguintes questões: O que leva professores de história a fazer uso de filmes em suas aulas? Que concepções esses professores têm de cinema e de ensino de história? Que critérios adotam para selecionar os filmes que exibem? Que usos fazem dos filmes no espaço escolar? Como avaliam os resultados das atividades que desenvolvem?

2.3.1

Relevância do tema para a educação e para a pesquisa

Considero importante mapear e descrever práticas cotidianas de ensino, pois isso ajuda a compreender o modo como as relações de ensino-aprendizagem estão se dando no espaço concreto da sala de aula, o que nos permite repensá-las.

Considero também relevante avaliar a contribuição que a obra cinematográfica tem oferecido ao exercício do ensino de história, já que é amplamente utilizada, de forma a trazer mais elementos para a reflexão sobre a eficácia e/ou adequação do uso de filmes na construção do conhecimento escolar.

Destaco, por fim, a importância de identificar práticas de uso do cinema por professores de história que lecionam na educação básica, assegurando, desta forma, uma possível ampliação de uma área de estudos ainda por consolidar-se.

Objetivos

- a) **Geral:** descrever e analisar práticas de uso de filmes por docentes de história da educação básica.

- b) **Específicos:**
 - descrever e analisar a concepção de cinema e de ensino de história que possa estar fundamentando este professor em seu cotidiano na sala de aula;
 - levantar critérios que os professores adotam para a seleção dos filmes que exibem em suas aulas ;
 - descrever estratégias adotadas pelos professores ao usar o filme como recurso pedagógico no ensino de história.